

APROXIMAÇÕES DA TEORIA DO ESTRANHAMENTE FAMILIAR APLICADAS AO ESPAÇO DOMÉSTICO DA ARQUITETURA

Professora orientadora: Rossana Maria Delpino
Sapena

Aluna: Bárbara Leandro de Araujo

PROGRAMA DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
PIC/CEUB

RELATÓRIOS DE PESQUISA
VOLUME 9 Nº 1- JAN/DEZ
•2023•





CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

BÁRBARA LEANDRO DE ARAUJO

**APROXIMAÇÕES DA TEORIA DO ESTRANHAMENTE FAMILIAR APLICADAS
AO ESPAÇO DOMÉSTICO DA ARQUITETURA**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Rossana Maria Delpino Sapena

BRASÍLIA

2024

DEDICATÓRIA

Aos Psicanalistas, cuja compreensão profunda da mente humana guia nossa jornada em direção à saúde mental e ao autoconhecimento; aos topógrafos, cujo trabalho revela a beleza e a complexidade oculta dos espaços que habitamos; e aos arquitetos fenomenológicos, cuja visão artística e cuidadosa criação de ambientes conecta o nosso mundo físico e emocional.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a minha família, que sempre me apoiou e me incentivou a realizar esta pesquisa, sem eles não poderia ser a pessoa que sou hoje.

A instituição de ensino CEUB, à Secretaria de Pós-Graduação e Pesquisa e a totalidade do corpo docente que compõem o curso de Arquitetura e Urbanismo e ao Programa de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal- FAPDF pela oportunidade de realizar esta pesquisa.

A minha professora orientadora, Rossana Maria Delpino Sapena , por compartilhar sua trajetória como arquiteta e urbanista e se fazer presente nesta importante etapa acadêmica.

Por fim, agradeço a Deus por mais uma oportunidade de estar avançando no meio acadêmico.

“ A casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz.”

(Gaston Bachelard)

RESUMO

Esta pesquisa visa analisar o conceito de "estranhamente familiar" nos espaços domésticos, considerando a relação entre familiaridade, inquietude, devaneio e topoi-análise. Busca-se compreender como esses fenômenos influenciam a experiência estética humana, afetam a percepção e interação das pessoas com os ambientes que habitam, em consonância com as teorias psicanalíticas de Freud. Este, aborda o "uncanny" como uma sensação de estranheza decorrente da transformação do familiar em algo perturbador, desencadeado por elementos que evocam memórias reprimidas. Paralelamente, Anthony Vidler, em "*The Architectural Uncanny*", amplia essa análise para a arquitetura, evidenciando como elementos como repetição e simetria perturbada podem despertar emoções reprimidas nos ocupantes dos espaços. Bachelard, em "*A Poética dos Espaços*", ressalta a influência simbólica dos locais na experiência humana, incluindo a relação entre devaneio, memória e familiaridade do espaço doméstico. Ademais, é explorado nesta pesquisa conceitos como a topoi-análise, que revela uma topofilia, um amor pelo lugar, enfatizando a importância de estudar os abrigos e aposentos na medida em que refletem a valorização dos espaços de intimidade, reforçando a perspectiva da psicanálise ao investigar as conexões entre os espaços de nossa vida e as memórias que neles residem, explorando os centros de condensação de intimidade da psique. Esses devaneios, semelhantes aos espaços complexos do lar, abrigam refúgios para as lembranças mais distintas e marcantes, revelando a primitividade dos refúgios emocionais e a forma como a imaginação se entrelaça com a estrutura psicológica dos indivíduos. Assim, a pesquisa almeja aprofundar a compreensão da complexa interação entre o ambiente físico e o mundo interior do ser humano, abordando o papel do devaneio e da topoi-análise na configuração e experiência dos espaços domésticos.

Palavras-chave: Uncanny; Espaço; Topoi-análise .

**LISTAS DE FIGURAS, TABELAS, QUADROS, GRÁFICOS, SÍMBOLOS E
ABREVIACÕES**

Figura 01: Estar contido o belo, o sublime e o grotesco	13
Figura 02: Onde a intimidade se acumula	17
Figura 03: O espaço convida à ação e antes da ação a imaginação trabalha	18
Figura 04: A topoanálise contida na fenomenologia	21
Figura 05: Os andares da torre de Bosco	23

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
OBJETIVOS	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
Peter Eisenman e o grotesco: En terra firma: na trilha dos grotexos	11
A natureza e o homem	11
O belo e o sublime	11
O sublime e o grotesco	12
Opostos	13
Os quatro aspectos que delineiam a condição de deslocamento na arquitetura	14
Anthony Vidler: Uma teoria sobre o sobre o estranhamente familiar	15
O Uncanny e a arquitetura	15
A casa mal-assombrada e Signos culturais	16
O Uncanny e a metrópole	18
Gaston Bachelard: A Poética dos espaços	19
Espaço Atemporal	19
Topoanálise e Psicanálise: Os Refúgios da Memória e da Imaginação	20
A Casa: do porão ao sótão	21
3. MÉTODO	23
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	26
APÊNDICES	27

1. INTRODUÇÃO

O “estranhamente familiar” ou "*uncanny*", aquilo que embora nos seja familiar desperta sentimentos de estranheza e influencia a experiência estética do ser humano. Este conceito permeia diversas áreas, desde a psicologia até a arquitetura e a literatura. Abordar esse tema significa explorar a interseção entre o familiar e o inquietante, como elementos da vida diária que despertam uma sensação de estranheza. Entender como a presença desse fenômeno influencia a experiência estética humana pode oferecer uma nova perspectiva sobre como as pessoas percebem, interagem e constroem significados em relação aos ambientes que habitam.

O "*uncanny*" é explorado nas teorias psicanalíticas de Freud como uma sensação de estranheza decorrente da transformação do familiar em perturbador, desencadeada por elementos que evocam memórias reprimidas. Ademais, Anthony Vidler em "*The Architectural Uncanny*", estende essa análise à arquitetura, demonstrando como elementos como repetição, simetria perturbada e fragmentação podem evocar o "*uncanny*" nos espaços construídos, despertando emoções reprimidas nos ocupantes. Por outro lado, Bachelard, em "*A Poética dos Espaços*", destaca a influência simbólica e imaginativa dos espaços físicos na percepção e experiência humana, ilustrando como os ambientes afetam nossa forma de habitar o mundo.

Portanto, esses conceitos transcendentais nos recordam que a estética não se limita à beleza e harmonia, mas abrange também o desconforto e a perturbação, ampliando assim a compreensão da experiência estética e

sua ligação íntima com o mundo interior e exterior do ser humano.

OBJETIVOS

Bachelard em “Uma casa está escondida no cofre” (BACHELARD,Gaston. A poética dos espaços. p. 253) explica que a intimidade do homem agora não está na casa, mas sim nos espaços que fazem parte da casa Espaços que, permite-o encontrar recordações, com lembranças reais ou imaginadas e, por isso, promovem o encontro consigo. Já Vidler, destaca que “o tema estranho serve para unir a especulação arquitetónica sobre a natureza peculiarmente instável da “casa e do lar” a uma reflexão mais geral sobre as questões do estranhamento social e individual, da alienação, do exílio e da falta de abrigo.”(VIDLER, Anthony. *The Architectural Uncanny*. 1994) Por fim, Freud que após fazer um estudo etimológico da palavra unheimlich, que em sua raiz contém a palavra Heim, que significa lar em alemão, o autor conclui que o adjetivo heimlich se refere a tudo o que é doméstico, familiar, conhecido. (FREUD, Sigmund. O infamiliar, p.279)

O estudo sobre o “estranhamente familiar” nos espaços domésticos proporciona uma compreensão ampliada da intersecção entre a psique humana e o ambiente construído que influencia o modo como projetamos e interagimos. Consequentemente, compreendemos a nós e aos outros. Dessa forma, ao valorizarmos e explorarmos este conhecimento, somos capazes de promover com mais clareza ambientes que abrigam questões sociais e que favorecem uma compreensão mais profunda acerca da experiência humana.

Portanto, o objetivo desta pesquisa está contida em identificar como se manifesta o estranhamente familiar nos espaços domésticos. Sendo os objetivos aplicar e especular teoricamente as relações estudadas no espaço doméstico uma vez que o cerne dos textos de Vidler, Bachelard e o ensaio de Freud sobre Unheimliche estão voltados para a casa e o lar.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Peter Eisenman e o grotesco: En terra firma: na trilha dos grotexos

A natureza e o homem

A arquitetura em sua natureza, é um reflexo da sociedade que a criou. Representa não apenas os aspectos estéticos e funcionais de um determinado período, mas também os valores, a cultura e a dominação do conhecimento. Há mais de 500 anos o discurso científico tem sido sobre a dominação da natureza pelo homem, e que a arquitetura tem refletido essa visão ao simbolizar as estruturas e atitudes cosmológicas da sociedade.

Peter Eisenman, na tentativa de responder o seu cliente cientista em uma conversa para a criação de um edifício que simbolize a dominação da arquitetura, afirma que não é o bastante que a construção seja racional, verdadeira, bela e boa, e que ao imitar o natural, sugira o domínio humano sobre a natureza. “O conhecimento ao contrário da natureza não tem existência física” (EISENMAN, Peter *apud*. NESBITT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura*), ou seja, domínio deste é representado por sua gradual conquista.

Concomitante a isso, no contexto antropocêntrico do Iluminismo a natureza costumava ser o limite, ela servia como um meio para lidar com a incerteza decorrente da dúvida sobre a existência de Deus. Portanto, desde o momento em que a arquitetura começou a simbolizar o domínio da natureza, ficou plausível sugerir que a conquista do conhecimento também pudesse ser simbolizada.

O belo e o sublime

A base da estrutura conceitual atual da arquitetura é composta pela tríade Vitruviana: solidez, utilidade, e beleza (Firmitas, Utilitas e Venustas). A ideia de beleza, considerada

uma categoria de natureza dialética que segundo Eisenman era¹ interpretada como uma qualidade singular ligada ao bom, ao natural, ao racional e ao verdadeiro.

No século XVII, Immanuel Kant sugeriu outro modo de conceituar a beleza, pois poderia haver “algo a mais”. Ele sugeriu que no cerne desta, residia algo distinto que ele denominou de sublime. Antes de Kant, o conceito de sublime era definido por meio de uma oposição dialética ao belo. Com Kant, surgiu a ideia de que o sublime estava intrinsecamente ligado ao belo, e o belo, por sua vez, estava contido no sublime. Essa distinção entre "oposição a" e "estar contido em" é crucial para o argumento que será apresentado a seguir.

O sublime e o grotesco

O sublime também carrega consigo uma condição de incerteza, do indizível, do não-natural, que o belo convencional tenta reprimir. “O sublime distingue-se do belo pelo fato de provocar perturbações filosóficas ligadas a uma mistura de dor e prazer”. (JIMENEZ, 1999, p. 136)

A relação entre o eu e a natureza, entre o conhecido e o incerto, o medo de não dominar a natureza, são as bases para as ideias do sublime e do grotesco. O "grotesco" é muitas vezes visto como o oposto do sublime, mas na arquitetura ambos possuem uma relação mais complexa. Segundo Eisenman, “Na arquitetura, em que o sublime diz respeito às qualidades do etéreo, qualidades que resistem à ocupação física, enquanto o grotesco tem a ver com a substância concreta, com a manifestação do incerto no mundo físico.”,

Na arquitetura aceitava-se facilmente essa condição do grotesco quando aplicado ao ornamento na forma de gárgulas e afrescos. Isso porque o grotesco carrega em si a noção do feio, do disforme, do supostamente não natural, como algo inerente à ideia de beleza. “É essa condição do grotesco de estar “sempre presente” ou “já contido” no belo que a arquitetura tenta reprimir.”(EISENMAN, Peter *apud*. NESBITT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura*. p.614). Isto pode ser visualizado no diagrama a seguir: (Figura 01)

¹ Arquitetura de ordem Clássica.



O conceito de sublime é oposto ao conceito de belo ao mesmo tempo que ambos estão intrinsecamente ligados.

Figura 01: Estar contido o belo, o sublime e o grotesco
Fonte: Acervo pessoal da autora

Opostos

A ideia de "conter dentro de si" é uma abordagem que propõe uma ruptura com a tradição na arquitetura, que historicamente se baseava na categorização e separação das coisas em pares opostos. Em vez de simplesmente dividir e classificar elementos arquitetônicos em categorias opostas, a ideia de "conter dentro de si" sugere uma abordagem mais holística e integrada.

Nesse contexto, a arquitetura passa a ser vista não apenas como a soma de partes distintas, mas sim como um todo interligado e coeso, onde cada elemento contém uma integração de diferentes aspectos, funções e significados. Isso se faz presente no trecho de Terror em firma: na trilha dos grotextos de Peter Eisenman "A isso se acrescentaria que a noção de casa, ou de qualquer outra modalidade de ocupação do espaço, requer uma forma mais complexa do belo, uma forma que inclua o feio, ou uma racionalidade que contenha o irracional."

Isso implica que a arquitetura tenha que substituir suas antigas maneiras de se conceber. A ideia de "casa" ou de ocupação do espaço requer uma forma de beleza

mais complexa, que inclua o feio e o irracional. Isso rompe com a tradição de uma arquitetura baseada em categorias e tipos opostos.

Os quatro aspectos que delineiam a condição de deslocamento na arquitetura

1. **Textualidade:** No contexto do projeto arquitetônico tradicional, elementos como forma, função, estrutura, local e significado podem ser considerados textos, embora eles não sejam realmente textuais. A verdadeira textualidade implica em uma condição de segunda ordem ou alteridade. Na arquitetura, essa alteridade é representada por um vestígio ou traço, uma presença da ausência que sugere a existência de algo anterior. Enquanto a presença dominante prevalecer, não haverá verdadeira textualidade. Portanto, a condição de traço, por sua natureza, requer a presença de pelo menos dois textos para existir.
2. **Duplicidade (twoness):** Tradicionalmente, a duplicidade é entendida como categorias hierárquicas, como por exemplo a relação entre forma e função, estrutura e ornamento, onde uma é vista como dominante sobre a outra. No entanto, a duplicidade se baseia na equivalência e na ausência de hierarquia, permitindo a coexistência de diferentes interpretações ou textos sem uma posição de superioridade. Isso implica na interação entre dois textos ou camadas em que nenhum domina o outro, mas sim, coexiste dentro de um espaço arquitetônico, criando um equilíbrio entre presença e ausência, ser e não ser.
3. **Estar entre (betweeness):** A ideia descreve um estado onde o objeto arquitetônico existe como uma imagem fraca, sem conferir um significado dominante. Nesse contexto, tanto os textos quanto as imagens devem ser percebidos como fracos, sugerindo uma terceira imagem difusa ou desfocada. Isso implica em um objeto que está em um estado intermediário, quase sendo uma coisa ou outra, mas sem ser exatamente uma delas. A experiência de deslocamento resulta em um conhecimento parcial e incerto. Portanto, o objeto arquitetônico deve ter um efeito embaçado, parecendo fora de foco e quase visível, mas não nitidamente definido.
4. **Interioridade:** Neste contexto, a interioridade não está relacionada ao espaço interno de um edifício, mas sim à condição de "estar dentro". Assim como no

grotesco, a interioridade aborda dois aspectos: o não visível e o escavado. Além disso, relaciona-se com a proposta textualista da arquitetura, em que o simbolismo ou significado de cada sinal são direcionados não para fora, mas para dentro de uma condição já existente.

Um ponto crucial de deslocamento na arquitetura está relacionado ao papel do arquiteto/designer e ao processo de projeto. Muitas vezes, projetos que alegam expressar deslocamentos podem na verdade ser apenas formas de expressionismo que distorcem superficialmente uma linguagem que, essencialmente, permanece estável. Isso pode resultar em uma maior estabilização da linguagem normativa em vez de desafiá-la. Para verdadeiramente explorar o deslocamento na arquitetura, é necessário utilizar um processo que vá além da intuição simplista do "gosto pessoal". Um processo intuitivo já é familiar e conseqüentemente reflete as repressões inerentes ao conhecimento arquitetônico. Projetos baseados puramente na intuição podem ilustrar a incerteza, mas não a produzir de fato. O grotesco e o "estranhamente familiar" podem ser concebidos e imaginados, mas não projetados, uma vez que o projeto implica certeza e produção. Portanto, essas quatro condições buscam eliminar a necessidade de controle do objeto tanto pelo arquiteto quanto pelo usuário, gerando uma incerteza e impossibilidade de posse do objeto.

Anthony Vidler: Uma teoria sobre o sobre o estranhamente familiar

O Uncanny e a arquitetura

As teorias psicanalíticas sobre o "*uncanny*"² são fundamentadas na obra de Sigmund Freud, em particular, seu ensaio intitulado "Das Unheimliche"³ (O Estranho/ o inquietante). Freud explora a ideia de que o "*uncanny*" é uma sensação de estranheza e inquietação que surge quando o familiar se torna perturbador. Ele argumenta que essa sensação é desencadeada por elementos que evocam memórias reprimidas, como o retorno do reprimido(assim como em "(...) A pulsão de morte, ao medo da castração e

² Em Inglês "uncanny" ou "Unhomely" pode ser traduzido para o Português como "estranhamente familiar".

³ Termo no idioma nativo do autor e filósofo Immanuel Kant, Alemão.

ao desejo impossível de retornar ao útero materno, o *uncanny* tem sido interpretado como um elemento dominante da alienação e do distanciamento no mundo moderno, com uma espacialidade correspondente que abrange todos os aspectos da vida urbana.” (VIDLER, Anthony. *apud*. NESBITT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura*. Pág. 619).

Desde o romantismo, a arquitetura tem um vínculo forte com a ideia de estranhamento familiar, explorando situações de assombração, duplicidade, mutilações e outros horrores nas diferentes formas de arte. No seu aspecto estético, o familiarmente estranho é uma expressão de um estado psicológico de projeção que deliberadamente exclui as fronteiras entre o mundo real e o imaginário, com o intuito de gerar uma ambiguidade inquietante, criando uma transição entre a realidade e o sonho.

Nesse sentido, Vidler afirma que pode ser desafiador discorrer sobre o conceito de um ambiente arquitetônico que evoca o *uncanny*, assim como é complexo abordar o *uncanny* nas esferas literárias ou psicológicas. “Não há garantia de que cada construção ou elemento arquitetônico específico seja capaz de provocar essa sensação de estranha familiaridade.” e “O espaço convida à ação, e antes da ação a imaginação trabalha”. (VIDLER, Anthony)

A casa mal-assombrada e Signos culturais

Ao longo da história da representação do estranho familiar e em certos momentos de sua análise psicológica, certas construções e espaços que serviram como cenários de experiências possuíam atributos reconhecíveis. “Todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa.”(BACHELARD,Gaston. *A poética dos espaços*. p.24). Segundo Vidler, características muitas vezes comuns e por vezes banais, incluindo aquelas encontradas nas casas assombradas do período romântico⁴, embora não sejam intrinsecamente familiares, foram consideradas representativas do *uncanny*, como signos culturais de alienação⁵ em determinados períodos históricos.

⁴ O período Romântico aqui refere-se a um movimento cultural, artístico e intelectual (Séc. XVIII - XIX), período posterior ao iluminismo.

⁵ “Afastamento de uma situação real; perturbação mental”(Dicionário Santillana para estudantes. p.19)

(BROADBENT, Geoffrey. *Um Guia pessoal descomplicado para a teoria dos signos*. p. 141-161). Iso pode ser visto conforme a figura 02.



Figura 02: Onde a intimidade se acumula
Fonte: Acervo pessoal da autora

Segundo Bachelard “a casa se complica um pouco, quando tem um porão e um sótão, cantos e corredores, nossas lembranças possuem refúgios cada vez mais bem caracterizados” ou seja, a relação entre a casa como espaço psicológico e os refúgios das lembranças em cantos e corredores, destacada por Bachelard, conecta-se com a ideia de "topoanálise" proposta por Van Lier. A casa, ao se tornar mais complexa com porões, sótãos e diferentes cantos, passa a abrigar locais cada vez mais bem caracterizados onde as memórias se refugiam. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem especializadas. (BACHELARD, Gaston. *A poética dos espaços*. p.29)

Concomitante a isto, ainda na mesma linha de pensamento de Vidler, em fases iniciais da psicologia, o espaço foi identificado como uma fonte de medo ou alienação, algo que anteriormente era visto principalmente na ficção. Para alguns sociólogos pioneiros, a alienação espacial “era mais que um produto da imaginação, pois representava

justamente uma mistura de projeção mental e características espaciais associadas com o estranhamente familiar.”, conforme a figura 03, “desejo de morar e da luta pela segurança doméstica”. (VIDLER, Anthony. *Uma teoria sobre o sobre o estranhamente familiar*. p.620).



Figura 03: O espaço convida à ação e antes da ação a imaginação trabalha
Fonte: Acervo pessoal da autora

O Uncanny e a metrópole

Os geógrafos e etnógrafos se dedicam a descrever a diversidade de tipos de habitação ao redor do mundo, enquanto o fenomenólogo se empenha em compreender a essência da felicidade presente em cada uma delas. A busca pelo "cerne da felicidade central" em todas as moradias, seja um simples canto de um castelo, representa a missão fundamental do fenomenólogo. Essa investigação revela como cada indivíduo se apega a um local específico, enraizando-se no seu espaço vital e cotidianamente se identificando com um "canto do mundo". Assim, a análise fenomenológica da felicidade presente nas diferentes formas de habitação se conecta com a ideia de como habitamos nossos espaços de acordo com as diversas dinâmicas da vida, marcando nossa presença e singularidade em um lugar escolhido. (BACHELARD, Gaston. *A poética dos espaços*. p.24-25).

Como visto anteriormente, na arquitetura, o "estranhamente familiar" se manifesta em espaços como a casa mal-assombrada, que combina segurança com a possibilidade de terror secreto. Essa dualidade também é explorada na metrópole, onde o íntimo e o comunitário se entrelaçam, lembrando a Genebra de Jean-Jacques Rousseau. Essas reflexões destacam a complexa relação entre psique e ambiente construído, corpo e casa, indivíduo e cidade, ilustrando como o familiar pode se tornar estranho, e assim por diante, em diferentes contextos arquitetônicos e psicológicos.

O termo "estranhamente familiar" destaca a relação entre o desconhecido e o reconhecível, explorando as questões de identidade e existência presentes na vida doméstica e na arquitetura metropolitana. "Essa conexão é analisada em contextos diversos, como a agorafobia e claustrofobia, que são interpretadas à luz do distanciamento proporcionado pela vida urbana. Além disso, o conceito é associado ao aspecto temporal, discutindo memória e amnésia com base em teorias de autores como Maurice Halbwachs, Eugène Minkowski e Jean-Paul Sartre." (VIDLER, Anthony. *apud*. NESBITT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura*. Pág. 619).

Gaston Bachelard: A Poética dos espaços

Espaço Atemporal

Bachelard considera a inter-relação entre tempo, espaço e experiência humana e convida-nos a reconhecer a "riqueza temporal" contida nos diversos espaços que habitamos e frequentamos ao longo da vida. Não apenas isso, mas ele também reflete sobre as tentativas de buscarmos nos relacionar com o tempo perdido por meio do passado, que podem representar um desejo de suspender o próprio fluxo do tempo, bem como a noção de "mil alvéolos" do espaço retendo o tempo comprimido assim como está contido em " O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas." (BACHELARD, Gaston. *A poética dos espaços*. p.29). Ou seja, a capacidade dos espaços de preservar momentos significativos, como cápsulas do tempo que permitem reviver experiências passadas. Portanto, Bachelard afirma que Moradas do passado são imperecíveis dentro de nós assim como " O passado, o presente, o futuro dão à casa dinamos diferentes" e "Confortamo-nos ao reviver lembranças de proteção". (BACHELARD, Gaston. *A poética dos espaços*. p.25-26).

"Por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser

que não quer passar no tempo; que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer "suspender" o vôo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço" (BACHELARD, Gaston. *A poética dos espaços*)

Concomitante a isto, Peter Eisenman afirma que o problema do "uncanny" temporal, ou seja, a sensação de familiaridade perturbadora em relação ao tempo, é abordado por meio das teorias da memória e amnésia. Segundo ele, autores como Maurice Halbwachs, Eugène Minkowski e Jean-Paul Sartre contribuíram com pesquisas sobre como nossa percepção do tempo pode ser influenciada por lembranças vívidas ou pela ausência delas. " Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem." (HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. p.132).

"(...) Se é possível apontar uma premissa derivada do estudo do estranhamente familiar na cultura moderna, é precisamente a de que não há uma tal arquitetura do estranhamente familiar, mas tão somente aquela que, de tempos em tempos e para diferentes propósitos, é investida de atributos associados a esse conceito." (VIDLER, Anthony *apud*. NESBITT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura*.)

Topoanálise e Psicanálise: Os Refúgios da Memória e da Imaginação

A relação entre os espaços de nossa vida e as memórias que estes abrigam é um aspecto da topoanálise, que se propõe a estudar de forma sistemática esta interconexão psicológica. Ou seja, quando nossas casas se tornam mais complexas, com porões, sótãos, cantos e corredores, nossas lembranças encontram refúgios cada vez mais distintos e marcantes. É interessante observar que o espaço não apenas convida à ação, mas também estimula a imaginação, colaborando para a configuração de um ambiente onde todos os espaços de intimidade exercem uma atração singular.

Dessa forma, como menciona Bachelard em a "Poética dos Espaços", a topoanálise revela uma topofilia, ou seja, um amor pelo lugar, enfatizando a importância de estudar os abrigos e aposentos na medida em que refletem a valorização dos espaços de intimidade. Já a psicanálise apresenta-se como um meio de investigação das conexões entre os espaços de nossa vida e as memórias que neles residem.

Enquanto o objeto de estudo da topoanálise e, a psicanálise adentra os recantos da

poética dos espaços”, representa a verticalidade humana e simboliza a expansão dos grandes sonhos e aspirações.(BOSCO, Henri. *L’antiquaire* apud Gaston. *A poética dos espaços*. p.42). Concomitante a isto, o autor também menciona que a busca por satisfazer os devaneios do homem requer a diferenciação em altura, destacando os dois pólos de seu espaço habitacional, o porão e o sótão, conforme o trecho “ Para satisfazer nossos devaneios é preciso diferenciar-se em altura”. Segundo a Topoanálise, a casa onírica, como a Torre de Bosco, é concebida como um espaço que se estende por até três ou quatro andares, os quais serão explorados detalhadamente a seguir conforme Bachelard.

O sótão, localizado abaixo do teto, responsável por proteger o homem das intempéries naturais, simboliza uma abordagem racional em relação à casa, evidenciando a preocupação com o conforto e a segurança dentro do espaço habitado. No conto de Bosco mencionado por Bachelard, “ há uma escada que se afunda na rocha e desemboca em uma torre (...) com um teto abobadado revela um espaço que reflete a intimidade em seu centro, (...) povoado por lembranças de um antepassado apaixonado.” (BOSCO, Henri. *L’antiquaire* apud Gaston. *A poética dos espaços*. p.42). O trecho expõem a consolidação da história e das emoções pessoais ressaltando a interligação entre a arquitetura e as memórias que permeiam este espaço, como proposto pela topoanálise.

O porão, “caracterizado como o ser obscuro da casa”, representa uma área de mistério e obscuridade que se mantém nas trevas dia e noite. Novamente, o conto de Bosco cita a presença de uma escada que leva ao porão, está simboliza uma descida que caracteriza seu onirismo. (BACHELARD, Gaston. *A poética dos espaços*. p.36-37). Entregue às sombras e ao silêncio, o porão revela memórias esquecidas e desejos ocultos desafiando percepções convencionais e estimulando a imaginação. (BACHELARD, Gaston. *A poética dos espaços*. p.37-42).

Não somente isto mas também, a casa, com seus diversos espaços, incluindo corredores labirínticos que emaranham memórias e experiências, caracteriza-se como um palco onde o passado é guardado e o presente se desdobra.(BACHELARD, Gaston. *A poética dos espaços*. p. 38). Além disso há o quarto, “ guarda o passado assim como domina o espaço” armazena histórias que entrelaçam e moldam a identidade do lar. Há também a sala familiar, idealizada como o sonho da cabana, é o espaço de encontro e acolhimento, onde os laços familiares se fortalecem e as trocas afetivas se aprofundam. Por fim, “a lâmpada à janela é o olho da casa”, não só ilumina fisicamente o ambiente, mas também representa a capacidade de enxergar além, capturando tanto os momentos luminosos quanto os ocultos. “Pela luz da casa distante, a casa vê, vela, vigia e espera”, tornando-se uma presença constante e testemunhando a passagem do tempo. (BACHELARD, Gaston. *A poética dos espaços*. p. 44-51).

Por fim, foi confeccionado uma colagem a fim de ilustrar da melhor maneira, os andares da casa onírica destacada pelo autor, figura 05. Em relação a casa onírica de Henri Bosco, Joe Bousquet citado por Bachelard conclui que “já não podemos mais ser

simples homens de um só andar”, pois “ para satisfazer nossos desejos é preciso diferenciar-se em altura”. No entanto, cabe ressaltar que mesmo aquele que aparentemente é um homem de um só andar, limitado em sua percepção e compreensão, “ (...) tem seu porão no sótão”. (BOUSQUET, Joe La neige d’un autre âge, p.100 apud Gaston. A poética dos espaços. p.44).



Figura 05: Os andares da torre de Bosco
Fonte: Acervo pessoal da autora

3. MÉTODO

A metodologia utilizada nesta pesquisa é de natureza qualitativa, exploratória, descritiva e documental, com o propósito de identificar como o “estranhamente familiar” se manifesta nos espaços domésticos. Para tal fim, foi utilizado referenciais teóricos que explicitam o lar como principal local/ objeto de estudo, ou seja, tudo o que é “doméstico, familiar, conhecido” (FREUD, 1976), “Espaços que, permite-o encontrar recordações, com lembranças reais ou imaginadas e, por isso, promovem o encontro consigo.” (BACHELARD, 1957) e por fim, “a natureza peculiarmente instável

da “casa e do lar” a uma reflexão mais geral sobre as questões do estranhamento social e individual, da alienação, do exílio e da falta de abrigo.”(VIDLER, 1994).

Após a revisão do conteúdo previamente apresentado, empreendeu-se uma análise na qual foram consolidadas informações semelhantes, com o intuito de forjar um sistema diagramático que ilustra de forma sintética e pertinente a integração da fundamentação teórica no cerne do objeto de estudo desta pesquisa. Dessa forma, proporcionando uma compreensão mais abrangente e detalhada sobre a maneira como os fundamentos teóricos se manifestam e se conectam de forma significativa na temática investigada. Vale ressaltar que a natureza do conteúdo exposto é de extrema complexidade, tornando qualquer representação visual insuficiente para capturar plenamente seu significado, pois assim o tornaria superficial.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao compreender o modo como os espaços domésticos se tornam portadores de intimidade e memória, conforme discutido por Bachelard, amplifica nossa percepção acerca da conexão entre indivíduos e seus lares. Da mesma forma, o reconhecimento da natureza peculiarmente instável da “casa e do lar”, conforme ressaltado por Vidler, fornece uma abordagem de questões relacionadas ao estranhamento social e à busca por pertencimento.

Conforme as análises percorridas ao longo desta pesquisa, foi realizada uma “colagem com devaneios” sobre os assuntos que englobam o “*Uncanny*” e o objeto de estudo apresentado nesta pesquisa, o espaço doméstico. Este foi apresentado como um espaço de refúgio e afinidade, um lugar que abriga não apenas o homem que o habita mas também , como visto anteriormente, as memórias, sonhos, imaginação, anseios, devaneios, entre outros.

O objetivo desta colagem, apêndice A , é mostrar como a fenomenologia engloba diferentes conceitos e como estes possuem relações inconscientes que estão

presentes no espaço comumente frequentado pelo homem, seu refúgio, fortaleza, lar, espaço doméstico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações inconscientes são inexplicáveis, mas estão presentes no espaço, emergem como elementos inerentes à compreensão do homem e o ambiente que o cerca. A interação entre o infamiliar e o inquietante nos convida a refletir e reconhecer a influência que esses elementos ambíguos possuem sobre a experiência de vida de cada ser humano em particular. A presença dessas relações inconscientes intriga e desafia a percepção do ser humano acerca do ambiente ao seu redor, destacando a importância da compreensão dos aspectos que constituem o “estranhamente familiar” na configuração e experiência dos espaços, sejam eles domésticos ou públicos.

Ademais, num contexto em que a saúde mental e o equilíbrio emocional são temas amplamente discutidos, compreender como o "*uncanny*" pode afetar nossa psique e emoções nos permite nutrir ambientes que estimulem a saúde mental e o bem-estar, e também nos direciona para uma percepção mais integrada das influências de aspectos psicológicos e emocionais nos espaços que habitamos.

Por fim, considerando a profundidade das relações inconscientes e a complexidade do "estranhamente familiar" presentes nos espaços, surge a necessidade de indagações que vão além da superfície aparente. Como esses encontros com o desconhecido moldam nossa identidade e percepção do mundo ao nosso redor? Até que ponto somos conscientes das raízes profundas que conectam nossa psique aos locais que habitamos?

Nesse contexto, é pertinente questionar como a arquitetura, enquanto arte tangível, pode dar forma a emoções abstratas e, de maneira contígua, como essas emoções influenciam a materialização dos ambientes que projetamos. Qual é o papel do ser humano na criação desses espaços "animados", onde as paredes têm histórias a sussurrar e os cantos retêm segredos sutis?

Essas reflexões convergem para um ponto central: a interação entre o homem e seu ambiente não é unidirecional, mas sim um diálogo complexo e constante entre o consciente e o inconsciente, entre o acolhedor e o inquietante. Como podemos, então, transcender a mera funcionalidade dos espaços e adentrar os reinos da subjetividade e da transformação pessoal por meio da arquitetura e do design ambiental? São questionamentos como estes que nos desafiam a explorar mais a fundo a intersecção entre a mente humana e a paisagem construída que nos envolve.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética dos espaços*. 5ª edição. WMF Martins Fontes, 2008.

VIDLER, Anthony. *The Architectural Uncanny*. Edição (29 março 1994). Mit Press; Revised ed. 1994.

FREUD, Sigmund. *O infamiliar*. 1ª edição (5 abril 2019). Autêntica, 2019.

NESBITT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia Teórica (1965-1995)*. 2ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

JIMENEZ, Marc. *O que é estética?*. Unisinos (21 setembro 2006).

BROADBENT, Geoffrey. *Um Guia pessoal descomplicado para a teoria dos signos*. 1977.

Dicionário Santillana para estudantes. 2ª edição (1 janeiro 2008). Moderna Paradidático, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Centauro (1 janeiro 2006), 2006.

BOSCO, Henri. *L'antiquaire. FOLIO, 1979* In BACHELARD, Gaston. *A poética dos espaços*. 5ª edição. WMF Martins Fontes, 2008.

BOUSQUET, Joe. *La neige d'un autre âge*. In: Gaston. *A poética dos espaços*. p.44.

